

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Izabela Maria Pereira Lorie

**CONSCIÊNCIA DE CLASSES MARXISTA E SUA FUNÇÃO PRÁTICA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora

2018

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA  
E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **Izabela Maria Pereira Lorié**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672129A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CONSCIÊNCIA DE CLASSES MARXISTA E SUA FUNÇÃO PRÁTICA**, desenvolvido durante o período de fevereiro de 2018 a julho de 2018, sob a orientação do professor doutor Leonardo Silva Andrada, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Izabela Maria Pereira Lorié

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# CONSCIÊNCIA DE CLASSES MARXISTA E SUA FUNÇÃO PRÁTICA

Izabela M. P. Lorie<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca fazer uma análise sobre os processos de consciência de classe e sua função prática nas diversas camadas sociais, através de uma abordagem marxista sobre o tema. O artigo apresenta o conceito de classe que advém da exploração do homem pelo homem, chegando ao seu objetivo de analisar o que é a consciência de classe e onde ela se encontra na prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência de classes. Classes sociais. Marxismo.

## ABSTRACT

This article intends to do an analysis about the steps of class consciousness and its practical function in all sorts of social classes, through a Marxist approach. It presents the concept of class that comes from exploration of the men by the men, aiming at analyzing what's class consciousness and where it is applied in practice.

**KEY WORDS:** Class consciousness. Social classes. Marxism.

## 1. INTRODUÇÃO

A partir do questionamento sobre como manifesta a consciência de classe nos dias atuais nasce o este artigo, já que pode parecer que existe um comodismo contraditório da classe trabalhadora, que vem sendo subjugada às classes dominantes e parece não fazer nada para mudar essa situação. Esse assunto será discutido a partir de uma interpretação do conceito de consciência de classe em referências clássicas sobre o tema.

A abordagem desse assunto é tema de diversos teóricos marxistas. Mesmo sendo uma tarefa desafiadora, se faz necessária, já que contribui para o entendimento do momento histórico em que vivemos, assim como as relações existentes entre as classes; colaborando então, para a construção de uma sociedade emancipada.

O presente artigo tem como objetivo oferecer uma contribuição nesse sentido, de modo que através de uma análise fundamentada na teoria marxista, será realizado um estudo com teóricos como Marx e Engels, George Lukács, Vladimir Lenin e Antônio Gramsci. Dessa forma, será apresentada uma análise histórica da construção das chamadas “classes sociais” até o aparecimento da consciência de classes, tocando no conceito de luta de classes, a fim de discutir a difusão da consciência prática que irá contribuir para o nascimento da ditadura do proletariado. Pretende-se, a partir disso, gerar reflexões sobre o tema, com o propósito de oferecer, através de uma perspectiva teórica, maior compreensão sobre o mesmo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Conceito de “classe” segundo a teoria Marxista

Antes de conceituar a consciência de classe é preciso esclarecer e contextualizar historicamente o conceito de “classe” segundo a teoria Marxista devido à importância fundamental do mesmo.

Durante toda história da humanidade a exploração do homem pelo homem se faz presente, e com isso Marx deixa claro que não foi o capitalismo que deu início a mesma, tal proposição é constatada na frase célebre que inaugura a primeira parte do “O Manifesto Comunista”, uma obra de Karl Marx e Friedrich Engels, que diz o

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: izabelalorie@gmail.com. Artigo a ser apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada.

seguinte “A historia de todas as sociedades existentes até agora tem sido a história das lutas de classes” (MARX; ELGELS. 2008, p. 8).

Porém, de acordo com Marx essa estrutura de classes foi inaugurada com o aparecimento da propriedade privada que contempla somente uma parcela da população.

Em modelos de sociedade anteriores ao capitalismo a exploração estava presente de maneiras diferentes: primeiro, em um estágio não desenvolvido da produção onde a subsistência dependia da caça e pesca, existia também a necessidade do cultivo de plantas, por isso, o homem começou a se apropriar de pedaços de terra, originando-se a propriedade privada e por consequência as desigualdades sociais. Nesse estágio da sociedade o autor coloca que “A divisão do trabalho, neste estágio, é muito elementar ainda, e está limitada a uma extensão da divisão natural do trabalho imposta pela família: a estrutura social é, portanto, resumida a uma extensão da própria família” (MARX, 1858).

Em seguida, através da junção de várias tribos em um determinado lugar, aparece a propriedade comunal, seguida do modo escravista, onde o senhor de escravos tinha posse sobre um conjunto de homens e sobre a produção dos mesmos.

No modo de produção feudal, que nasce da evolução da propriedade comunal, a sociedade era composta por senhores e servos, onde os senhores possuíam as terras, tendo o poder econômico e faziam as leis de seu feudo, os servos trabalhavam nas terras dos senhores podendo ficar com parte da produção e obedecendo as leis impostas, Marx afirma que:

Toda a estrutura da sociedade baseada em tal propriedade comunal, e com ela o poder do povo, entra em decadência na mesma medida em que progride a propriedade privada imóvel. A divisão do trabalho já está mais desenvolvida. Já encontramos o antagonismo entre a cidade e o campo, depois o antagonismo entre aqueles estados que representam interesses urbanos e os que representam interesses rurais e, dentro das próprias cidades, o antagonismo entre a indústria e o comércio marítimo. As relações de classe entre os cidadãos e os escravos estão, agora, totalmente desenvolvidas. (MARX, 1858).

Por fim, com a Revolução Industrial, um dos marcos do nascimento da sociedade capitalista, as mudanças ocorridas nas forças produtivas culminaram em uma grande mudança nas relações de produção, originando assim novas classes sociais: a burguesia e o proletariado como foi definido por Karl Marx (1818 – 1883) Em O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte (1851-1852):

Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que separam seu modo de vida, seus interesses e a sua cultura daqueles das outras classes e as colocam em posição hostil a essas outras classes, elas formam uma classe. Na medida em há apenas uma interconexão local entre esses camponeses de pequenas propriedades, e a identidade de seus interesses não gera nenhuma comunidades, nenhum elo nacional e nenhuma organização política entre eles, tais pessoas formam uma classe. (MARX, 2000, p.180)

As classes sociais são então o resultado de tais mudanças que provocaram alterações nas relações existentes entre os homens no processo de produção e apropriação de riquezas, quando os atores se diferenciam através dos papéis nesse processo formando dois grupos: os proprietários dos meios de produção (burguesia) e os não proprietários, que não possuem nada além da sua força de trabalho (proletariado), postulado por Marx em Miséria da Filosofia (1847):

As condições econômicas transformaram, em primeiro lugar, a massa do povo em trabalhadores. A dominação do capital sobre os trabalhadores criou a situação comum e os interesses comuns dessa classe. Assim, essa massa já é uma classe em relação ao capital, mas não ainda uma classe para si mesma. Na luta, da qual indicamos apenas algumas fases, essa massa se une e forma uma classe para si. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe. (MARX, 1985, p.90).

Para assegurar o poder político e ideológico sobre os proletários, a classe dominante necessita fazer o uso da força, garantindo o domínio econômico. É nesse contexto que surge o Estado<sup>2</sup>, possuindo leis para garantir os interesses burgueses, e a ideologia, que além de distribuir seus valores como verdades, conta com o grande poder midiático que facilita a popularização de ideias, fazendo com que a classe desfavorecida – aquela que possui de obstáculos de recursos o que gera desigualdade, nesse contexto chamada de proletariado – adote tal visão, e por isso acaba incorporando esses valores, logo, os interesses da burguesia são representados através da criação de artifícios a fim de manter as estruturas de produção e exploração.

Esse sistema só pode ser combatido quando a classe dominada toma ciência de todo esse processo, passando de *classe em si* (momento no qual o grupo não reconhece a situação em que se encontram, ou seja, classe em relação ao capital) para *classe para si* (momento em que a classe se identifica como tal e percebe todo o processo de opressão e subserviência a qual está submetida). Nesse sentido, Marx coloca em *Miséria da Filosofia* (1847):

As condições econômicas tinham a principio transformado a massa da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Por isso, essa massa é já uma classe diante do capital, mas não o é ainda para si mesma. Na luta de que só assinalamos algumas fases, essa massa reúne-se, constitui-se em classe para si mesma. Os interesses que defende tornam-se interesses de classe. Mas a luta de classe com classe é uma luta política. (MARX, K. 1985.)

Quando a classe explorada se torna consciente de que não é dona de seu trabalho já que esse pertence aos donos do meio de produção, surge um conflito de objetivos originando a *luta de classes*.

## 2.2 Luta de Classes

Se as classes sociais são o produto da desigualdade imposta pelo capitalismo, tendo seu surgimento através de um viés econômico, a sociedade se encontra dividida em dois grandes campos hostis que se enfrentam diretamente: a classe dominante (burguesia) e a classe dominada (proletariado). Sendo possível afirmar que conceito de consciência de classe, de acordo com a teoria marxista, advém de uma sociedade fragmentada em interesses divergentes, como foi analisado por Mauro Iasi em seu livro “O Dilema de Hamlet”:

Somente em determinadas circunstâncias, exatamente no contexto de uma sociedade dividida em interesses de classe antagônicos, é que tal processo pode produzir uma consciência social que ao contrário de ser um elemento de identidade do indivíduo com a sociedade de volte como força hostil, como justificativa e ocultamento de relações de dominação, ou para ser preciso, como ideologia. (IASI 2002, p.113)

Dessa relação conflituosa, onde a mercadoria produzida pelo trabalho operário não pertence ao trabalhador, o proprietário dos meios de produção aliena o mesmo controlando sua força de trabalho e retira dele o controle da atividade de produzir gerando a mais-valia<sup>3</sup>, nasce o descontentamento do proletariado, que toma consciência de si como classe levando à luta de classes.

Como Marx e Engels descreveram em uma passagem já citada no presente artigo, “A história de todas as sociedades existentes até agora tem sido a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS. 2008, p. 8), tese essa que deixa em evidência a posição dos autores sobre as lutas sociais e as transformações da sociedade, salientando que a luta de classes é o agente que impulsiona o desenvolvimento da sociedade. Quatro anos após a publicação de “O Manifesto Comunista”, Marx, através de uma correspondência trocada com Weydemeyer datada em 5 de março de 1852, porém publicada somente em 1907 por Mehring na revista *Neue Zeit*, ressalta que:

---

<sup>2</sup> Em linhas gerais, de acordo com a teoria marxista, o “Estado não passa de onde e na medida em que os antagonismos de classes não podem objetivamente ser conciliados. E, reciprocamente, a existência do Estado prova que as contradições de classes são inconciliáveis” (LENINE, 2010, p. 27).

<sup>3</sup> A mais-valia é o lucro do capitalista, sendo este a produção não paga ao trabalhador. Para Marx, a construção da economia na sociedade capitalista está voltada para a criação da mais-valia, já que quem cria riqueza é o trabalho operário, um instrumento de coerção criado pelas classes dominantes com o objetivo de manter seu poder sobre outras classes, já que as leis do mesmo estão sendo exercidas em favor dos mesmos, e quando essas falham, o Estado possui o recurso da força, garantindo os interesses das classes dominantes.

"No que me concerne, eu não tenho o mérito de ter descoberto a existência das classes na sociedade contemporânea, nem o de ter descoberto a luta dessas classes entre si. Os historiadores burgueses expuseram, muito antes de mim, o desenvolvimento histórico dessa luta de classes, e os economistas burgueses a anatomia econômica das classes. O que eu fiz de novo consiste na demonstração seguinte: 1º) que a existência das classes só se prende a certas batalhas históricas relacionadas com o desenvolvimento da produção; 2º) que a luta das classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; 3º) que essa própria ditadura é apenas a transição para a supressão de todas as classes e para a formação de uma sociedade sem classes." (MARX. In: LENINE. 1917 p. 18)

Essa passagem é traduzida por Vladimir Lenin em seu livro "O estado e a Revolução" (1917):

A luta de classes é o essencial na doutrina de Marx. É, pelo menos, o que se escreve é o que se diz frequentemente. Mas, é inexato. Defomações oportunistas do marxismo, falsificações do marxismo tendentes a adaptá-lo às necessidades da burguesia, são frequentes como resultado dessa inexatidão. A doutrina da luta de classes foi concebida não por Marx, mas pela burguesia antes de Marx, e, de maneira geral, é aceitável para a burguesia. Quem só reconhece a luta de classes não é ainda marxista e pode muito bem não sair dos quadros do pensamento burguês e da política burguesa. Limitar o marxismo à luta de classes é truncá-lo, reduzi-lo ao que é aceitável para a burguesia. Só é marxista aquele que estende o reconhecimento da luta de classes ao reconhecimento da ditadura do proletariado. (LENINE. 1917 p.19)

Logo, entende-se que a ditadura do proletariado é uma etapa indispensável onde, "A passagem do capitalismo para o comunismo não pode deixar, naturalmente, de suscitar um grande número de formas políticas variadas, cuja natureza fundamental, porém, será igualmente inevitável: a ditadura do proletariado." (LENIN, 2010, p. 55). Ela é nascente da luta de classes que se desenvolve contra o capitalismo a fim de eliminar as relações de exploração e diferenças de classes, com o objetivo de reconstruir a economia da sociedade construindo uma ordem socialista. Contudo o caminho a ser traçado até tal estágio é árduo, o primeiro passo desse caminho é a consciência de classe, onde é necessário fazer com que o proletariado tenha consciência de si enquanto classe.

### 2.3 Consciência de Classe

Consciência de classe é um tema que se encontra dentro do conceito sociológico marxista denominado *Dialética*<sup>4</sup>. Para os autores Marx e Engels, a consciência de classe é, "a consciência dos vínculos imediatos da pessoa com outros indivíduos e com as coisas situadas fora daquele que se torna consciente" (IASI, Mauro. *O dilema de Hamlet. O ser e o não ser da consciência*. Página 95.), contudo, em dado momento, ela se torna o resultado do embate entre dois grandes campos hostis que se enfrentam diretamente: a classe dominante e a classe dominada, reflexo dos modos e das relações de produção, e essas possuem dentro de si contradições. Essa relação conflituosa que é estabelecida entre contrários, gera uma relação paradoxal, onde por vezes existe a colaboração da classe trabalhadora para com seus patrões, justamente por não haver consciência.

O ideal de consciência de classe acontece a partir do desenvolvimento do capitalismo; em seu livro *Miséria da Filosofia* o autor Karl Marx coloca: "A dominação do capital criou a situação comum e os interesses comuns do proletariado. Assim esta massa já é uma classe em relação ao capital, não sendo ainda uma classe para si. Na luta, esta massa se une e se transforma numa 'classe para si'" (*Miséria da Filosofia*, 1974). Logo, quando a classe trabalhadora se torna independente do jugo ideológico burguês, passa a ser "classe para si" tendo início o processo de consciência de classe.

De acordo com o autor, para o nascimento de uma consciência de classe revolucionária é preciso que os indivíduos possuam a capacidade de esclarecer o processo de constituição das classes e encontrar seu

---

<sup>4</sup> Marx se mantém fiel à dialética hegeliana quanto ao método, contudo, ao afirmar que a mesma se encontra "de cabeça para baixo", o autor toma uma postura diferente no que diz respeito ao conteúdo, usando o "materialismo dialético", como demonstrado no excerto: "*Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto (...). Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico*". (1994, p.16)

próprio lugar em tal processo. Para o pensamento marxista, não é a sociedade que determina a consciência de classe, mas sim as condições materiais de existência; contudo, ela pode se autonomizar do pressuposto material de que parte, levando ao que Marx define como “abstração da vida real”.

George Lukács (1885-1971), um dos maiores teóricos marxistas do século XX, possui um extenso trabalho na abordagem de consciência de classe, apresentando o assunto dentro de uma perspectiva dialética. Ele parte do pressuposto de que o proletariado possui a capacidade de se desenvolver e se transformar em uma classe revolucionária. Para explicar tal afirmação, o autor usa o conceito chamado por ele de “possibilidade objetiva”, que em termos gerais pode ser explicado como o movimento que deixa aparente as contradições e necessidades da classe trabalhadora, reforçando sua necessidade de transformação para uma classe revolucionária. Contudo essa transformação não depende somente do desejo do proletariado, mas sim da condição histórica em que ele se encontra, já que para o autor, o proletariado possui o tipo de consciência denominado “a falsa consciência”, onde os indivíduos possuem diferentes contextos históricos e isso é tão determinante no modo de vida de cada um que mesmo a vida coletiva é uma derivação da realidade individual. Sendo importante ressaltar a diferença entre o que o proletariado assume como consciência, já que sua visão de mundo é resultado de sua vivência, e a consciência que é resultado da análise do lugar real em que a classe se encontra dentro da sociedade capitalista. Nas palavras de Lukács:

Esta consciência [de classe] não é (...) nem a soma nem a média do que pensam, sentem etc. os indivíduos que formam a classe, tomados um por um. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por esta consciência e não pelo pensamento de cada indivíduo; esta ação só pode ser conhecida por esta consciência. (Lukács In: IASI, 2002, p. 124.)

Tendo isso em vista, Lukács reafirma a importância da consciência no processo histórico, já que o nascimento do proletariado exerce influência sobre a maneira em que o conhecimento sobre si como classe legítima e o conhecimento sobre toda a sociedade são adquiridos, a classe precisa romper com os limites impostos pela estrutura social e econômica, já que muitas vezes a posição da classe é de acomodamento e deveria ser de ruptura, o que gera uma contradição. No momento de ruptura, o proletariado estaria consciente na totalidade não somente com a consciência imediata, ou seja, fazendo uso também de teoria.

O autor então assume que não se pode esperar uma posição revolucionária imediata das classes que constroem a sociedade atual, especialmente da burguesia, que se encontra em uma falsa ideia de estar cada vez mais inserida na economia, sendo o objetivo da produção capitalista que se choca com os interesses do modo de produção o limite para a consciência de classe na burguesia. Porém o fator que mais distancia a burguesia da consciência de classe não é o seu posicionamento enquanto classe mas sim o fato de o proletariado ser a classe que a faz oposição; já que são classes que coexistem na crise do capital sendo essa também uma crise do proletariado e nessa condição o que é motivo de unir forças para a classe trabalhadora, se torna motivo para a burguesia se diluir. Esse processo é teorizado para o autor da seguinte maneira:

Quanto mais o processo se aproxima do seu termo, mais importância adquire a consciência que o proletariado tem sua missão histórica, isto é, a sua consciência de classe, e tanto mais fortemente essa consciência de classe é de determinar cada uma de suas ações, porque o poder cego das forças motrizes não conduz “automaticamente” à sua finalidade, superação de si, senão enquanto esta finalidade não se encontrar ao seu alcance. (Lukács In: IASI. 2002 p. 127.)

Lukács entende que a consciência da classe trabalhadora não nasce espontaneamente da posição em que a classe ocupa, já que para ele há uma desunião dentro da própria consciência, afirmando que,

(...) se bem que a sociedade represente em si uma unidade rigorosa e que seu processo de evolução seja também um processo unitário, nem a sociedade nem seu processo de evolução se apresentam como unidade à consciência do homem, nomeadamente a consciência do homem nascido no seio da reificação capitalista das relações com o meio natural; são-lhe dados, pelo contrário, como uma multiplicidade de coisas e forças independentes umas das outras (Lukács In: IASI. 2002, p. 130.)

Essa divisão que é exposta no pensamento do autor, além de apresentar algumas diferenças de ações irá também dar início a outra discussão elaborada por ele, acerca das nuances existentes no movimento de consciência de classe e o resultado disso para a luta de classes, sendo como a principal consequência o rompimento entre o que é luta econômica e luta política, aproximando o pensamento do autor com o pensamento de Karl Marx, onde o mesmo afirma que as condições econômicas transformam as massas em trabalhadores, e isso faz com que essa massa se transforme em uma classe perante e ao sistema, por conseguinte, perante o capital, contudo ela não se reconhece como classe, quando os interesses da classe se unem e ela entra em consenso faz com que ela se torne classe para si, gerando a luta de classes.

Sendo assim, fica evidente no pensamento de George Lukács que é na consciência de classe que o proletariado passa a se reconhecer como classe, e nessa descoberta é destacado que a estrutura da sociedade capitalista e toda sua função enquanto classe, sendo o autor um exemplo marxista que liga o processo da construção da consciência de classe à luta de classes.

### **2.3 Função prática da consciência de classe: alienação, ideologia e hegemonia.**

O questionamento que guia o presente artigo é sobre a suposta falta de consciência de classe na atual sociedade, dado que com toda a análise histórico-social realizada até o momento vemos que parece haver um comodismo, evidenciado por Mauro Iasi da seguinte maneira: “O trabalhador pela sua posição de classe pode desenvolver o interesse de acomodamento e não de ruptura” (IASI, Mauro. 2002, p.125), o que pode ser entendido como uma contradição quando colocado em embate com a percepção de que a classe trabalhadora vive sob o jugo da classe detentora dos meios de produção. Deve-se então analisar a possibilidade de tal consciência, visto que a classe trabalhadora se encontra em uma posição de alienação.

Tal alienação não é um fator presente somente nos dias atuais, vemos com Marx em sua obra “As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850” (Boitempo, 2012), essa situação bem ilustrada, onde o autor descreve que a burguesia financeira francesa transformou seu Estado em uma fonte de lucro para sua classe escravizando o orçamento público e todos os elementos que faziam parte da corte, tomando para si todo lucro que a atividade pública oferecia. Além desse controle estatal político financeiro, a aristocracia financeira controlava também a imprensa oficial do governo, fazendo com que a opinião pública fosse completamente partidária, fazendo com que os ideais burgueses estivessem presentes em todas as camadas sociais.

De acordo com o teórico George Lukács, a alienação é anterior à ideologia, e essa se transforma de acordo com as necessidades do capitalismo. Elaborado pelo autor da seguinte maneira:

A relação objetivamente social de alienação e todas as marcas subjetivas da alienação interior que são sua consequência necessária só surgem quando as formas objetivadas assumem na sociedade funções que põem a essência do homem em oposição ao seu ser, que oprimem, deformam, desfiguram, etc, a essência do homem pelo ser social. (Lukács In: IASI, Mauro. 2002, p. 129).

Logo, para Lukács, a alienação só pode ser considerada como um referencial para ideologia quando o ser humano se encontra entre interesses antagônicos entre si e o meio social em que vivem por isso o autor afirma que a consciência de classe não se dá através do reagrupamento das classes. O autor acredita ainda que a consciência da classe trabalhadora não nasce espontaneamente, ou seja, ela não é fruto somente do lugar em que a classe se encontra mas sim de um movimento de maior complexidade, para ele existe uma cisão ocasionada devido à falta de unidade da consciência:

Se bem que a sociedade represente em si uma unidade rigorosa e que seu processo de evolução seja também um processo unitário, nem a sociedade nem seu processo de evolução se apresentam como unidade à consciência do homem, nomeadamente a consciência do homem nascido no seio da reificação capitalista das relações com o meio natural; são lhe dados, pelo contrário, como uma multiplicidade de coisas e forças independentes umas das outras. (Lukács In: IASI. 2002, p. 130).

Essa bifurcação encontrada na consciência proletária, além de determinar que formas de luta atuem de maneira diferente, podendo influenciar o objetivo final de uma luta de classes, já que promove o rompimento entre luta econômica e luta política.



Com o autor Antônio Gramsci se observa que as classes dominantes possuem em suas mãos um arsenal ideológico muito grande, levando em conta que essas possuem o poder sobre os aparatos culturais e políticos à sua disposição. Todo esse aparato ideológico pode ser multifacetado, possuindo diversas interpretações variáveis conforme o ângulo de observação, tendo que ser levado em conta todo um contexto histórico, por vezes, o autor adota para ideologia o significado de uma “falsa consciência”. Para ele, a ideologia pode ser entendida como a “concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva” (GRAMSCI, 1975, p. 1380). De acordo com o autor, reduzir o pensamento político somente à ideologia é um erro já que retira toda materialidade da ação transformadora do homem na sociedade, pois converte a história humana em ideias, o que não é correto já que isso deixaria de considerar a totalidade das relações sociais de produção em sua materialidade.

Para os autores Marx e Engels, a ideologia faz parte da superestrutura (lugar onde se encontram as estruturas políticas e ideológicas da sociedade), para eles, as ideias da sociedade são na verdade as ideias das classes dominantes, já que como foi visto, quando uma classe possui poder político possui poder para divulgar seus ideais, sendo assim, a ideologia é uma falsa representação da realidade que serve somente para tornar legítimo o poder das classes superiores.

Ao analisar as ideologias, vemos que a consciência prática é uma tarefa que se faz necessária, de maneira que quando o ser humano se encontra consciente de tal conflito e buscam resolve-lo, aparecem às novas lutas por hegemonia, que tem por objetivo superar a formação social em que nos encontramos. Quando um determinado conjunto de ideologias entra em conflito e uma delas tenta se sobressair, gera uma reação em outros âmbitos sociais, criando assim a hegemonia de um grupo sobre outros grupos. Para Gramsci, a conquista da hegemonia por uma classe deve acontecer de maneira que seja assegurado o controle das massas sobre o poder político.

A solução do questionamento inspirou a realização desse trabalho se da à medida que entendemos que não existe a falta da consciência de classe, mas sim existem forças contrárias que até então se mostram superiores a ela, como a coerção ideológica e a alienação, que impedem a classe trabalhadora de construir uma visão de si enquanto classe. Logo, é tarefa do revolucionário agir em oposição a essas forças, conscientizando o proletariado de seu lugar no processo de produção levando a criação de uma sociedade emancipada.

### **3. CONCLUSÃO**

Com o presente artigo, vemos algumas reflexões sobre o conceito de consciência de classe, chegando à conclusão de que a função prática da consciência não pode acontecer a partir de bases que são idealistas, ou seja, a consciência depende de outros fatores que vão além das percepções individuais. Sendo assim, é possível afirmar que o processo de construção de consciência de classe deve ser construído a partir da realidade material e histórica onde se encontra os trabalhadores. O entendimento de consciência de classe é um ideal político, mas antes disso deve ser um ideal coletivo para resultar no principal objetivo: a ditadura do proletariado. Essa dependência de forças para a realização da consciência é traduzido por Lukács que afirma:

Como a história coloca o proletariado perante a tarefa de uma transformação consciente da sociedade, na sua consciência de classe teria de surgir a contradição dialética entre o interesse imediato e o objetivo final, entre o momento isolado e a totalidade. Com efeito, o momento isolado no processo, a situação concreta com as suas exigências concretas são, pela sua essência, imanentes à sociedade capitalista presente, e encontram-se sujeitas às suas leis, à sua estrutura econômica. Só interagindo-se na sua visão de conjunto do processo, ligando-se ao objetivo final, e que conduzem concreta e conscientemente para além da sociedade capitalista, é que se tomam revolucionários. (Lukács In: IASI. 2002, p. 133).

Sendo assim, a consciência de classes presente em tal camada social pode representar os avanços da luta de classes. Contudo, não pode afirmar-se nesse conceito, já que somente dessa maneira poderá oferecer a oportunidade da classe que ainda não se encontra com consciência sobre si de se afirmar como tal.

## REFERENCIAS

MARX, K. **Miséria da Filosofia**. Tradução João Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.  
Disponível em: <[http://ciml.250x.com/archive/marx\\_engels/portuguese/marx\\_miseria-da-filosofia.pdf](http://ciml.250x.com/archive/marx_engels/portuguese/marx_miseria-da-filosofia.pdf)>

\_\_\_\_\_. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. 1851-1852. Tradução Néelson Jahr Garcia.  
Versão para eBook, 2000. Disponível em: <[http://neppec.fe.ufg.br/uploads/4/original\\_brumario.pdf](http://neppec.fe.ufg.br/uploads/4/original_brumario.pdf)>

\_\_\_\_\_. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo. Expressão  
Popular. 2008

\_\_\_\_\_. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

LENINE, V. I. **O Estado e a revolução: doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

IASI, Mauro Luís. **O dilema de Hamlet. O ser e o não ser da consciência**. São Paulo, Viramundo, 2002.

ACANDA, Jorge Luis. **Sociedade Civil e Hegemonia**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.